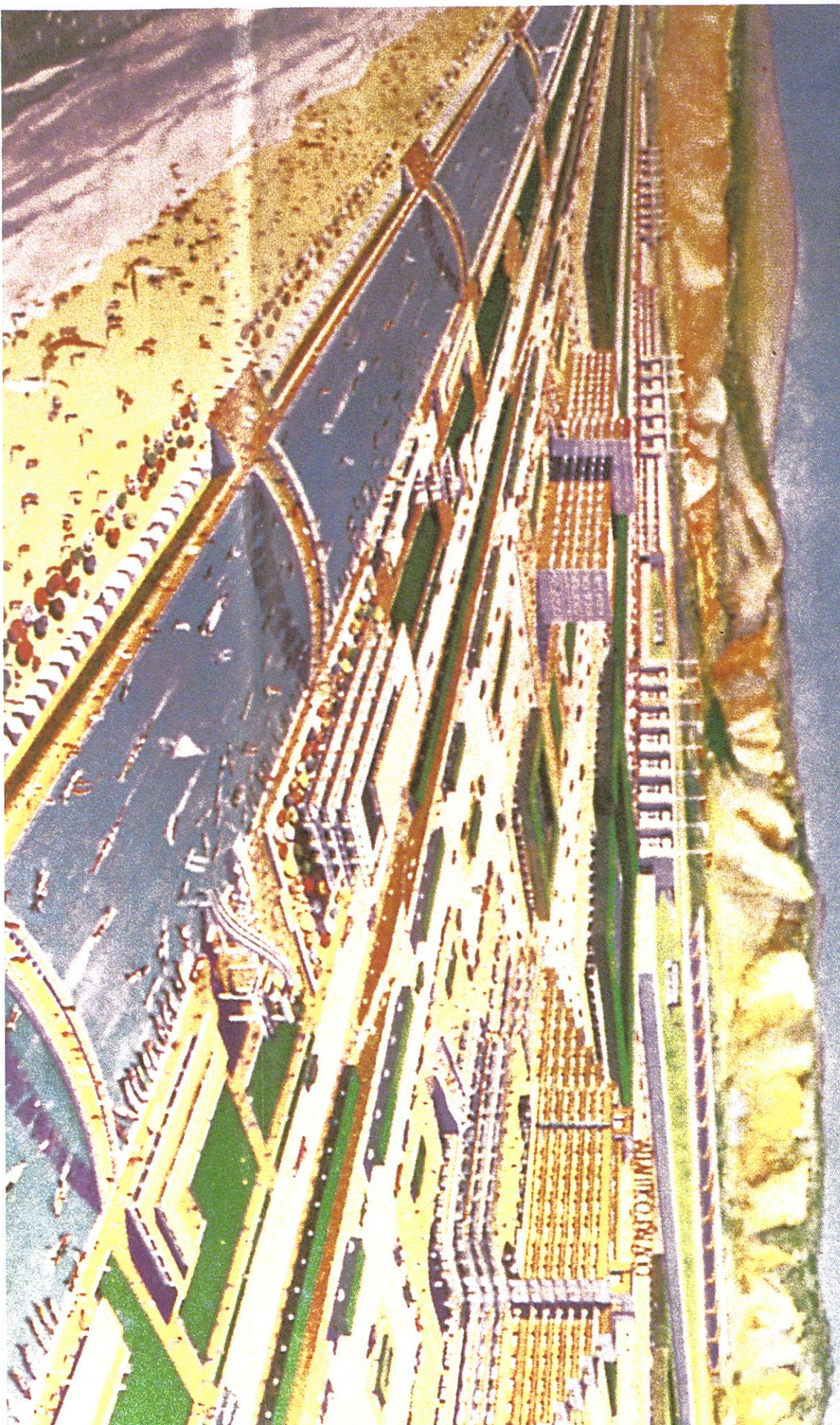


COSTA DA CAPARICA

PRAIA ATLANTICO



Em 1930 Cassiano propõe urbanização para a Costa da Caparica (em cima); em 1958 concebe uma ponte sobre o Tejo (em baixo): nur

Utopias dos anos 30

PRIMEIRA ofensa: quando se fala e escreve sobre Lisboa e a arquitectura dos anos trinta convém dizer que o papel dos arquitectos é de uma razoável insignificância. Com efeito, José-Augusto França assinala que em Lisboa, por exemplo, «dos seiscentos prédios licenciados em 1932 só dez eram da responsabilidade de arquitectos, e afirmar-se-ia que 99 por cento dos edifícios existentes eram produto de mestres-de-obras que satisfaziam o mercado dos capitais atraídos pelo imobiliário». E no um por cento sobranste, era decerto mais relevante o papel dos engenheiros que o dos arquitectos.

Desta realidade decorre a importância maior de Cassiano Branco no contexto da chamada «primeira geração» de arquitectos modernistas. É que Cassiano, para além de ser o único dos modernos que trabalhou regularmente para

os «tomarenses», os patos-bravos de então que construíam prédios de rendimento, estandardizou uma tipologia de edifícios que seria evidentemente imitada por engenheiros e mestres-de-obras por essa cidade fora.

Para além de uma elevada produtividade no desenho — que só essa ideia de série permitia — Cassiano Branco é decerto o maior responsável pela elevação da qualidade média das fachadas de muitas das novas ruas que nesses

anos se marginaram de edifícios.

INUSTO seria atribuir as qualidades de Cassiano apenas ao factor quantidade. Em pelo menos outros dois domínios, o arquitecto destaca-se dos demais: na concepção de salas e espaços de espectáculo e na configuração arquitectónica de utopias nunca materializadas. Quanto a salas meteu o seu lápis nas duas mais relevantes

que no período se fizeram: o Edén e o Coliseu do Porto. Interviu ainda pontualmente no Coliseu de Lisboa. Curiosamente, nos dois casos de intervenção em profundidade o público que delas iria usufruir deu-se bem, mas o arquitecto deu-se mal, tendo abandonado os projectos antes das suas versões definitivas. No Edén apresentaria três variantes, mas a quarta e definitiva fachada não tem a sua assinatura. Estava-se no início de 1930 e o imóvel não

é ainda exactamente uma peça «modernista». O que apresenta de notável, para lá das escadarias, é, como assinalam Raul Hestnes Ferreira e Fernando Gomes da Silva, «a própria escala e complexidade de relações dos espaços interiores». O Coliseu do Porto, projectado em 1939, é um trabalho de grande maturidade, de um fôlego que, por exemplo, Cassiano Branco já não daria mostras quando, em finais dos anos quarenta, apresenta versões para o cinema Império.

Em matéria de utopias, a mais espectacular e conhecida é a do projecto de urbanização para a Costa da Caparica. Obra de juventude, do mesmo ano em que trabalhava sobre o Edén é, nas palavras de Manuel Fernandes de Sá, «um caso de amor entre um arquitecto e um sítio». Também é um caso extremo de desajustamento entre os meios visionados e as perspectivas de lazer das classes dirigentes que, quase

em absoluto, se concebia na linha do lado de c e do Atlântico. Mas i portava pouco para senho que se assumi «um manifesto daqu que o homem, um arg

